

PSICOLOGIA E PEDAGOGIA NA ESCOLA PÚBLICA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Cleyton Galeno da Costa (autor) – UFPI

Jonnia Maria Aguiar Magalhães (coautora) - UFPI

Profa. Msc. Algeless Milka Pereira Meireles da Silva (orientadora) - UFPI

RESUMO

INTRODUÇÃO – Este trabalho tem por objetivo compartilhar experiências com atividades de Estágio Básico em Psicologia em uma escola da rede pública estadual de Parnaíba-PI. A Psicologia tem contribuído historicamente com a pedagogia e o processo educativo. Apesar do trabalho do psicólogo ter assumido caráter clínico durante muito tempo, atualmente, o modelo educacional oferece um olhar amplo acerca da parceria com a escola, indo além da psicoterapia ou aplicação de teste. **METODOLOGIA** – atuação em três etapas: anamnese, diagnóstico e intervenção. Na anamnese, conduziram-se entrevistas semi-dirigidas com educadores e observações sistemáticas em situação natural em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, realizando-se análise de conteúdo. O diagnóstico apontou indisciplina como principal problemática. A intervenção consistiu na elaboração e execução de um plano de ação com as seguintes atividades junto aos alunos: exibição de filmes no cinema do SESC, encontros semanais em sala de aula para trabalhar temáticas como socialização, relações interpessoais, inclusão, diferenças individuais e *bullying*, através de oficinas, dinâmicas, vivências e manhã cultural para encerramento. **RESULTADOS e CONCLUSÃO** – As atividades foram realizadas com base no modelo educacional de atuação do psicólogo escolar/educacional, acreditando-se na importância da parceria com educadores para melhorar os processos de ensino-aprendizagem e as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola. A Psicologia oferece um olhar diferenciado, percebendo o aluno em sua integralidade, em suas dimensões sociais e afetivas, não apenas em suas funções cognitivas. Alunos e educadores avaliaram positivamente o trabalho realizado, destacando benefícios trazidos ao processo de escolarização.

Palavras-chaves: Psicologia educacional/escolar. Escola pública. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Uma escola gera a harmonia se resolve enfrentar seus dilemas e conflitos para fazer o que dela se acredita: desenvolver os alunos que recebe. Mas como fazer isso? Esse é o grande questionamento que tanto perturba os profissionais da área de educação que já se encontram em estado de ceticismo quanto à questão. O profissional de psicologia a partir do momento que se prepara para compreender as múltiplas dimensões que compõem o sistema educacional e tenta desenvolver um pensamento crítico acerca dos problemas evidenciados em sala de aula pode favorecer uma atuação capaz de contribuir com as práticas educativas, subsidiando educadores no que diz respeito a demandas escolares que afetam o processo de ensino-aprendizagem e, portanto, o sucesso escolar.

O psicólogo educacional/escolar (PEE) atua no sentido de desdobrar teorias psicológicas em ações pedagógicas, assim como, a partir do contexto escolar desenvolver pesquisas que possam ampliar o olhar teórico e metodológico sobre o objeto de estudo da Psicologia da Educação. Nesse aspecto, conforme salienta COLL

(1996; 1989), é importante que a Psicologia da Educação não seja vista apenas como disciplina aplicada, mas como área específica com interesses científicos e objeto de estudo próprio, não se tratando apenas de aplicar conhecimentos psicológicos em geral à prática educativa.

As queixas escolares e as experiências de fracasso escolar apontam continuamente a necessidade dos educadores em serem subsidiados por profissionais que consigam ajudá-los a lidar com determinadas problemáticas. Mesmo essa atuação profissional sendo necessária em nosso sistema educacional, LDB (Leis das Diretrizes e Bases da Educação) não prevê a inserção do psicólogo como profissional fundamental à escolarização, sendo considerada sua possibilidade de contratação em situações em que sua intervenção é comprovadamente necessária. O artigo 71 inciso IV refere-se à formalização do profissional de psicologia dentro quadro funcional da escola (BRASIL, 1996):

Art. 71. Não constituirão despesas de manutenção e desenvolvimento do ensino aquelas realizadas com:

IV – programas suplementares de alimentação, assistência médica-odontológica, farmacêutica e psicológica, e outras formas de assistência social;

Del Prette (2002) oferece contribuições ao debate, considerando que a produção teórica sobre a área educacional, assim como as experiências profissionais acumuladas confere à Psicologia um espaço legítimo no âmbito dos processos educativos, sendo estes verificados em contextos formais, como a escola, ou informais como a família e demais grupos sociais.

Acredita-se que uma das razões para que o psicólogo seja visto como profissional cuja presença não se torna veemente necessária no espaço da escola corresponde à atuação clínica que historicamente tem demarcado sua atuação na escola, caracterizada basicamente pela condução de psicoterapias e aplicação de testes psicológicos com objetivos de diagnosticar transtornos e promover o ajustamento de “alunos-problema”. Atualmente, considera-se que sua atuação extrapola o manejo clínico dos problemas educacionais, percebendo as dificuldades de alunos e professores a partir do contexto sociocultural e do sistema de relações que estabelecem entre si.

PERCURSO METODOLÓGICO DE ATUAÇÃO NA ESCOLA

A metodologia se baseia no modelo educacional de atuação do PEE, identificando-se três etapas: Anamnese, Diagnóstico e Intervenção (Correia, 2004).

Anamnese

A anamnese consiste na fase de coleta de dados acerca das demandas institucionais, na qual foram conduzidas entrevistas e questionários semi-dirigidos junto a oito educadores: coordenadora pedagógica, secretária, educadora responsável pela biblioteca e quatro professores do 7º ano do Ensino Fundamental. Os dados coletados foram complementados por três sessões de uma hora de observação sistemática realizadas em situação natural de sala de aula, utilizando-se a técnica de registro contínuo (DANNA; MATOS, 1982), realizando-se registro técnico da estrutura física da escola. Realizou-se análise de conteúdo (BARDIN, 1997), agrupando-se os dados em torno de temáticas consideradas relevantes: Caracterização da instituição; demandas apontadas pela coordenação pedagógica; demandas apontadas por educadores e demandas levantadas a partir da observação sistemática.

Caracterização da instituição

A escola funciona durante os três turnos e integrando a rede pública estadual de ensino de Parnaíba, Piauí, oferecendo turmas de 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, 1º ao 3º ano do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O prédio situa-se em bairro de fácil acesso ao centro da cidade, possuindo muro e grades de segurança em bom estado de conservação, cuja entrada possui rampas para cadeirantes. A estrutura física consta de: dez salas de aula, secretaria, sala de professores com banheiro exclusivo, sala multifuncional, laboratório de informática, banheiros masculino e feminino, bebedouros, quadra poliesportiva, cozinha, refeitório e biblioteca.

Demandas apontadas pela coordenação pedagógica

No momento específico, a coordenadora pedagógica desenvolvia as funções de diretora, diretora adjunta e merendeira, além das atribuições pertinentes ao seu próprio cargo. De antemão, verifica-se a sobrecarga de atividades em função da sobreposição de papéis que devem ser cumpridos por uma única educadora. Quanto às demandas institucionais, foram citadas: elevado absenteísmo docente e discente; desmotivação e desinteresse discente pelas atividades escolares, principalmente em disciplinas como Artes e Ensino Religioso; agressividade como linguagem “natural” nas relações interpessoais; apelidos e termos pejorativos configurando relações conflituosas; sexualidade expressa através de namoros “exagerados” nas dependências da escola; uso de drogas por parte de alguns adolescentes; “más companhias” dos alunos em suas relações extra-escola; problemas familiares que, além de dificuldades na aprendizagem, geram, muitas vezes, demandas psicológicas; situações de abandono, crianças “criadas

por avós” ou outros responsáveis, como tios, padrinhos, em função da ausência dos pais biológicos; comportamentos que denotam homossexualidade e casos de namoro homoafetivo entre adolescentes do sexo feminino na escola.

Demandas apontadas por educadores

Os professores explicitaram como suas principais demandas: estrutura física restrita que limite atividades; relações pessoais conflituosas, xingamentos e apelidos; indisciplina na sala de aula, caracterizada por uso de aparelhos celulares, conversas, descumprimento de tarefas, desmotivação e desinteresse nas atividades curriculares. A desmotivação e desinteresse dos alunos foram apontados, de maneira especial, nas disciplinas de Artes e Ensino Religioso.

Demandas levantadas a partir da observação sistemática

Os dados coletados em sala de aula evidenciam situações que denotam dispersão dos alunos e participação insuficiente nas atividades pedagógicas realizadas em sala. Assim foram observados comportamentos como: conversar com colegas sobre assuntos alheios às temáticas das aulas; conversar ao celular durante a aula e, em menor proporção, realizar atividade, dirigir-se ao professor para dirimir dúvida. Em contrapartida, em relação aos docentes, verificou-se, em linhas gerais, a permanência em seus assentos a maior parte do tempo e posturas não-diretivas frente aos comportamentos de indisciplina apresentados pelos alunos, sendo observados apoio e incentivo apenas a alunos sentados à frente.

Diagnóstico

A fase de diagnóstico consiste na análise e interpretação dos dados coletados na fase de anamnese, atribuindo-se significado sociocultural a partir da realidade do sistema educativo em seu âmbito local, regional e nacional. Tendo em vista a quantidade de problemas frequentemente enfrentados pelas escolas, o diagnóstico implica na hierarquização das queixas por ordem de prioridade, considerando-se prioritárias aquelas que são mais recorrentes no discurso dos educadores e corroboradas pelas observações sistemáticas realizadas em sala de aula, além de sua relação direta com outras queixas que também dificultam o trabalho pedagógico. Assim, definiram-se as seguintes demandas por ordem de prioridade: desmotivação e desinteresse dos alunos durante as aulas; indisciplina na sala de aula; relações interpessoais conflituosas entre os discentes demarcadas por apelidos e sexualidade no âmbito dos namoros entre pares e homossexualidade.

A desmotivação e desinteresse dos alunos durante as aulas constituem uma demanda recorrente no discurso dos educadores, assim como verificado no *locus* da sala de aula, através dos registros observacionais. Acredita-se que a indisciplina constitui, de fato, a demanda prioritária em função de sua articulação com esta e as demais queixas apresentadas. Dessa forma, a indisciplina, enquanto desobediência a regras institucionais ou de convivência social, abrange o descumprimento das tarefas escolares, conversas, manuseio de aparelhos celulares e os conflitos nas relações interpessoais, além das questões referentes à sexualidade. Acrescenta-se que sexualidade no âmbito da homossexualidade representa uma temática a ser trabalhada junto a professores e alunos, na tentativa mais de ajudá-los a lidar com o preconceito e aceitação às diferenças individuais que de mudar o curso da orientação sexual dos envolvidos.

Dessa forma, o plano de ação foi estruturado com base na queixa de indisciplina, entendendo-se que trabalhar tal demanda auxilia nas demais dificuldades apresentadas, inclusive melhorando o desempenho escolar.

Intervenção

O principal intuito das fases anteriores é levantar os problemas enfrentados pela comunidade escolar, assim como caracterizar a instituição enquanto espaço físico e simbólico, buscando identificar recursos físicos e humanos que possam ser articulados nas atividades a serem propostas no plano de ação, ou seja, na fase de intervenção.

Pode-se perceber que a intervenção constitui a etapa do trabalho do psicólogo educacional/escolar em que o mesmo atua diretamente sobre as queixas escolares, articulando professores e equipe pedagógica da escola, articulando recursos institucionais, além de parcerias com órgãos públicos ou privados específicos que possam subsidiar atividades a serem desenvolvidas com vistas a superar dificuldades. Em linhas gerais, o psicólogo realiza inicialmente uma investigação científica, utilizando métodos e instrumentos científicos para levantar dados que servirão de base à sua proposta de intervenção.

O plano de ação consistiu em atividades interventivas na tentativa de reduzir a indisciplina, reverter o quadro de desinteresse e desmotivação dos alunos, melhorando as relações interpessoais. Foram realizadas cinco sessões de intervenção, consistindo as mesmas em encontros semanais com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, com duração de 50 minutos. O desdobramento do plano de ação será explicitado através de um breve relato das sessões realizadas.

1º Sessão de intervenção

Com objetivo de estabelecer contrato pedagógico, tal como salienta Aquino (1996), promover integração e sensibilização da turma em relação ao trabalho a ser realizado pela dupla de estagiários. Apesar da resistência de alguns alunos, as carteiras foram organizadas em semi-círculo, seguindo-se a discussão sobre a necessidade de normas a serem seguidas para viabilizar as atividades do plano de ação, dentre elas, a visita ao cinema do SESC (Serviço Social e do Comércio). Os próprios alunos sugeriram a necessidade de haver participação, colaboração e silêncio na hora em que os estagiários estivessem dando instruções. Foi realizada oficina para confecção de crachás individuais para facilitar a identificação durante visita ao cinema, além de dinâmicas de apresentação e interação social. Os crachás poderiam ser ilustrados com desenhos ou frases que lhes caracterizasse ou indicasse preferências. Todos os discentes participaram da atividade mostrando empolgação e envolvimento. Como recursos materiais, foram utilizados folhas de papel A4, pedaços de cartolina, barbante, canetas hidrográficas e cola colorida. Ressalta-se que parte desse material fora disponibilizado pela escola.

2º Sessão de intervenção

Esse encontro consistiu no deslocamento dos alunos até o cinema do SESC para exibição de curta-metragem subsidiados pela Programadora Brasil acerca de temáticas suscitadas pelas demandas levantadas na escola. As curtas-metragem exibidas foram: “A peste na Janice”, direção Rafael Figueiredo; “Raul da ferrugem azul”, direção Gabriel Costa, e “Mãos de vento, olhos de dentro”, direção Susanna Lira. As mesmas tratam de aspectos como relações interpessoais envolvendo respeito às diferenças individuais, inclusão, solidariedade, integração, trabalho conjunto, *bullying*, expressão adequada de sentimentos e emoções, assertividade nas relações interpessoais, adolescência e envolvimento amorosos característicos desta fase.

Os alunos participaram ativamente, sendo que muitos deles vivenciavam pela primeira vez a experiência de adentrar no cinema. A empolgação e agitação foram entendidas como expressão de emoções frente à situação nova, sendo passível de controle ao chegar o momento de iniciar a sessão. Durante a reprodução a platéia reagia de maneira espontânea diante do que era ouvido e visto nos filmes. Apesar do grande contingente de crianças nas dependências do SESC, não foram verificados comportamentos de indisciplina capazes de interferir na dinâmica de funcionamento do local. Ressalta-se que foram levados ao cinema 198 alunos, constituindo a totalidade dos que discentes matriculados no turno matutino que se fizeram presentes à escola no dia agendado. Acrescenta-se que essa atividade foi realizada em parceria com os

professores, os quais se fizeram presentes durante todo o percurso, ajudando a liderar os discentes. O apoio da Universidade Federal do Piauí também representou importante auxílio, disponibilizando o ônibus para traslado dos alunos, sem o qual a atividade seria inviabilizada.

Ao término da sessão, alunos e educadores foram levados de volta ao prédio da escola, sendo distribuídos sacos de pipoca a todos.

3º Sessão de intervenção

O objetivo desse terceiro encontro foi discutir sobre os assuntos dos filmes assistidos, articulando-os às principais demandas apresentadas pela turma. Os estagiários solicitaram que os discentes disponibilizassem suas carteiras em semi-círculo e, contrariamente, à primeira sessão, foram prontamente atendidos pelos educandos. O propósito é que a discussão fosse empreendida pelos próprios alunos, sendo que os estagiários exerceriam papel de mediadores. Para tanto, foi proposto que cada aluno escrevesse um texto ou elaborassem desenhos que tratassem acerca do filme que mais gostou ou de situações dos filmes que mais apreciaram e a relação que eles percebem entre as mesmas e sua vida escolar, seguindo-se a discussão acerca do que cada um considerou em sua produção individual.

Os estagiários partiram, então, dos aspectos mais evidentes em relação a cada filme para iniciar a debate. As crianças participaram ativamente, explicitando seus pontos de vista, apesar de algumas terem participado de maneira mais passiva, permanecendo caladas durante maior parte do tempo. Em geral, as temáticas suscitadas pelos estudantes em relação aos curtas-metragem exibidos foram: “preconceito na escola”, “falta de atitude” frente a determinados problemas em relação aos quais não se tem iniciativa de mudança e respeitar “diferenças individuais,” sejam biológicas ou sociais. Todos os alunos que constituem a turma participaram da atividade, entregando suas produções aos estagiários ao final da sessão. O material utilizado consistiu em folhas de papel A4, diversos tipos de papéis coloridos para recorte, tesouras, tubos de colas e canetas hidrográficas.

4º Sessão de intervenção

Esse encontro teve por principal objetivo consolidar a discussão acerca das demandas apresentadas pela turma através de oficinas para confecção de cartazes em grupo, a fim de propiciar o debate entre pares.

Para viabilizar a atividade, os alunos foram divididos em grupos de até cinco componentes, no entanto, em um primeiro momento, foi solicitada a organização das

carteiras em semi-círculo e foram disponibilizadas algumas “palavras-chaves” no quadro negro: “indisciplina”, “preconceito”, “respeito mútuo”, “confiança”, “cooperação”, “vencer o tédio” e “importância da escola, do aluno e do professor”. Cada grupo produziu seu cartaz a partir de um dos temas supracitados, os quais foram distribuídos através de sorteio, podendo escolher os materiais que iriam utilizar, dentre os disponíveis em sala de aula. O material disponibilizado aos discentes correspondeu a canetas, cartolinas, revistas variadas para recorte, canetas hidrográficas de várias cores e pedaços de papel colorido.

Aos estagiários coube o papel de mediar a atividade, contribuindo com idéias e monitorando o tempo, porém os deixando à vontade para produzir, evitando a diretividade. Dessa forma, todos os grupos conseguiram terminar os cartazes em tempo hábil e, dentre todos os presentes, apenas um não se envolveu com a atividade, permanecendo alheio ao que fora proposto à turma. Uma vez concluídos os cartazes, os grupos apresentaram suas produções aos colegas, expressando seus pensamentos e opiniões acerca das temáticas propostas.

Por fim, os cartazes foram recolhidos pelos estagiários, tais como as redações elaboradas na sessão anterior, a fim de preparar a sessão seguinte, a qual corresponde ao encerramento do plano de ação desenvolvido na escola.

5º Sessão de intervenção

A 5ª. e última sessão de intervenção consistiu no momento de culminância do projeto, cujo principal objetivo foi propiciar um momento de integração e apreciação conjunta das produções dos alunos e, ao mesmo tempo, encerramento das atividades propostas pelo plano de ação. Os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental foram acolhidos no pátio da escola, juntamente à totalidade dos alunos do turno da manhã, em parceria com os professores e demais estagiários que também atuam junto às outras séries. O grupo de estagiários preparou um show musical, com a presença de instrumentos e cantores locais, além de mensagem de despedida exibida em data show, revisitando todas as etapas de atuação na escola e os principais benefícios observados, havendo exibição de fotos feitas ao longo dos encontros. Os alunos inseriram-se espontaneamente tocando instrumentos de percussão disponibilizados na escola e cantando ao microfone músicas populares, usufruindo de espaço disponibilizado pelo grupo. A atividade denominada “manhã cultural” foi realizada de forma a envolver todos os alunos e educadores da escola, sendo servido um lanche oferecido pela equipe de estagiários aos discentes e docentes em agradecimento à parceria estabelecida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atuar no espaço escolar requer muito dinamismo, dedicação, criatividade e, sobretudo, preparo teórico não só para entender as queixas escolares, mas, sobretudo, para conseguir enxergá-las. Nesse aspecto, acredita-se que a relação entre Psicologia e Pedagogia se torna fundamental, uma vez que cada profissional, munido por seu instrumental teórico e prático, no âmbito de alcance de suas respectivas áreas do conhecimento, tornam-se capazes de oferecer respostas eficientes e eficazes às dificuldades enfrentadas no cotidiano da educação.

Na literatura especializada, é lugar comum considerar que a escola necessita de professores que inovem metodologias, desenvolvendo aulas de forma mais dinâmica e instigante, a fim de resgatar a vontade dos alunos em permanecer em sala de aula e o prazer de aprender conteúdos necessários a seu desenvolvimento intelectual e, futuramente, exercício profissional. Em contrapartida, muitas vezes, negligencia-se o olhar sobre o professor, as dificuldades que enfrenta no cotidiano de sua prática e, principalmente, a necessidade de ser subsidiado por profissionais variados que ofereçam instrumental específico para lidar com os vários fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem e produzem fracasso escolar.

Acreditar que o professor por si só é capaz de lidar satisfatoriamente com todas as demandas que surgem no contexto educacional representa assumir a ideia de que a aprendizagem e o desempenho escolar do aluno se restringem às paredes da sala de aula, não sofrendo influência de outros contextos ou outros aspectos que também configuram o desenvolvimento humano. Isso significa dizer, que o poder público necessita ampliar a visão acerca dos processos de ensino-aprendizagem, não só redefinindo a prioridade dos serviços que devem ser oferecidos à escola como também a modalidade com que tal serviço se apresenta. A Psicologia Clínica é necessária ao atendimento de casos particulares que necessitam de intervenção psicoterápica ou serviços específicos, no entanto, disponibilizar o profissional nas redes de serviços de saúde mantidas pelo Estado ou Município, ainda que estes atuem na perspectiva da clínica ampliada, não substitui a necessidade de cada instituição educacional em contar com um psicólogo educacional/escolar.

A presente experiência de atuação na escola fora desenvolvida com base nos pressupostos do modelo educacional, considerando-se o psicólogo educacional/escolar, sobretudo, como educador, sendo movido pelo alcance dos objetivos educacionais. Nesse aspecto, o sucesso escolar e o desenvolvimento integral devem constituir suas

principais metas e, encontrando subsídios no arcabouço teórico da psicologia, deve-se deixar guiar pelos objetivos que norteiam a educação no Brasil: aprender a aprender, a fazer, a ser e a conviver.

A pesquisa científica realizada através da etapa de anamnese para levantamento da realidade da escola torna-se fundamental para o manejo da subjetividade dos educadores ao relatarem dificuldades percebidas no processo de escolarização, assim como as causas atribuídas a elas. Muitas vezes, as concepções de educadores, alunos ou familiares sobre as queixas escolares explicitam visões particulares a cada categoria acerca de como experienciam a escolarização, a partir do lugar que ocupam dentro da relação e da responsabilidade que atribuem a si e aos outros pelo sucesso escolar (SILVA ET AL., 2011).

Torna-se, portanto, fundamental que as queixas escolares sejam estudadas pelos mais diversos ângulos e perspectivas, vislumbrando-se a melhor adequação do plano de ação e, conseqüentemente, a eficácia da intervenção realizada. Dessa forma, apesar das concepções dos professores e da equipe gestora serem importantes, não significa que o psicólogo educacional/escolar atuará exatamente na direção solicitada. Tais queixas necessitam ser comparadas a dados provenientes de coleta realizada junto a outros segmentos da comunidade escolar. Vale ressaltar que não se trata de não confiar nas informações concedidas, consistindo apenas na tentativa de melhor caracterizar como tal dificuldade se apresenta a partir da perspectiva de outro ator social que compartilha o mesmo contexto.

Ao psicólogo educacional/escolar não é suficiente saber, por exemplo, que a indisciplina é apontada unanimemente por educadores como principal dificuldade. Para elaborar um plano de ação que seja capaz de ajudar a escola frente a tal queixa, torna-se necessário saber a visão dos educadores acerca de indisciplina, verificando-se, muitas vezes que a expressão de emoções é facilmente interpretada como comportamento indisciplinar, assim como reagir ao autoritarismo do professor, ao respeito unilateral que é imposto ao discente, etc. Além disso, é fundamental verificar como os alunos percebem a indisciplina em seu cotidiano, suas dificuldades em obedecer as regras da escola, etc. Neste *continuum*, importa identificar situações vivenciadas na sala de aula que servem de contexto para essa indisciplina, incluindo metodologia de ensino, características dos conteúdos ministrados, aspectos da relação professor-aluno e aluno-aluno, apoio da direção a decisões tomadas pelo professor ao lidar com situações de descumprimento de regras, etc. Outros olhares ainda são possíveis, considerando-se a

importância da convivência familiar, a falta de apoio e incentivo dos pais, valores sociais contrários à proposta de desenvolvimento integral sustentada pela escola, subsídios do poder público em apoio aos educadores e a integração da escola a outros serviços como saúde, assistência social, órgãos de segurança pública, justiça, etc. No entanto, destaca-se que para viabilizar a atuação do psicólogo na escola, é necessário o recorte, definindo-se os segmentos a serem trabalhados e as metas que se pretendem atingir.

No presente trabalho, o principal foco foi atuar junto aos alunos para ampliar o interesse, motivação e diminuir indisciplina, propondo atividades diferenciadas, como a visita ao cinema. Outro intuito consistiu em motivar educadores e sensibilizá-los acerca da viabilidade da proposta de inserir atividades extra-classe e, até mesmo, extra-escola, que fossem ao encontro do interesse dos alunos, tentando resgatar a motivação e despertar o prazer de aprender conteúdos curriculares. Nesse primeiro momento, as curtas-metragem exibidas possuíam conteúdos propícios à discussão no âmbito psicológico, porém a proposta era se aproximar dos professores para, em momento posterior, os filmes serem escolhidos junto com os professores sobre temáticas interdisciplinares pertinentes aos conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula.

Mesmo considerando as limitações do trabalho realizado, acredita-se que as atividades puderam contribuir com reflexões discentes acerca da indisciplina e temáticas a ela vinculadas, como as relações interpessoais, respeito às diferenças individuais, papel do aluno no processo de escolarização, etc. O *feedback* recebido por parte dos educadores evidencia os alcances das ações realizadas, apontando a melhoria do comportamento dos alunos em sala de aula, principalmente no que confere ao relacionamento com os colegas e uso de apelidos. Os professores avaliaram positivamente a parceria entre a escola e Curso de Psicologia da UFPI, acreditando que auxilia a escola a lidar com as demandas do cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- COLL, C. Constructivismo y educación escolar: ni hablamos siempre de lo mismo ni lo hacemos siempre desde la misma perspectiva epistemológica. *Anuario de Psicología*, 69, 153-178, 1996.
- COLL, C. Psicología académica y psicología profesional en el campo de la educación. *Anuario de Psicología*, 41, 49-73, 1989.
- CORREIA, M. F. B. *Psicologia e escola: uma parceria necessária*. Campinas: Alínea, 2004.
- DANNA, F. M, MATOS, M. A. *Ensinando observação: uma introdução*. São Paulo: EDICON, 1982.
- DEL PRETTE, Z. A. Pereira. (2002) *Psicologia, educação LDB: novos desafios para velhas questões?* Em R. S. L. Guzzo (Org.) (1999). *Psicologia escolar: LDB e educação hoje* (2a Ed) (pp. 11-31). Campinas: Alínea.
- REGER, Roger. *Psicólogo escolar: educador ou clínico?* In: PATTO, Maria Helena Souza. *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- SILVA, A. M. P. M., FERREIRA, R. S.; LUZ, P. C. M., CAVALCANTE, E., PONTES, L. M., MELO, A. C. V. Dificuldades vivenciadas no cotidiano da escola pública em Parnaíba: um estudo com educadores. In: 16 Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2011, Recife, *Textos completos do XVI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*. Recuperado em 10 de maio de 2012. Disponível em: http://www.encontro2011.abrapso.org.br/trabalho/view? ID_TRABALHO=3594.